

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

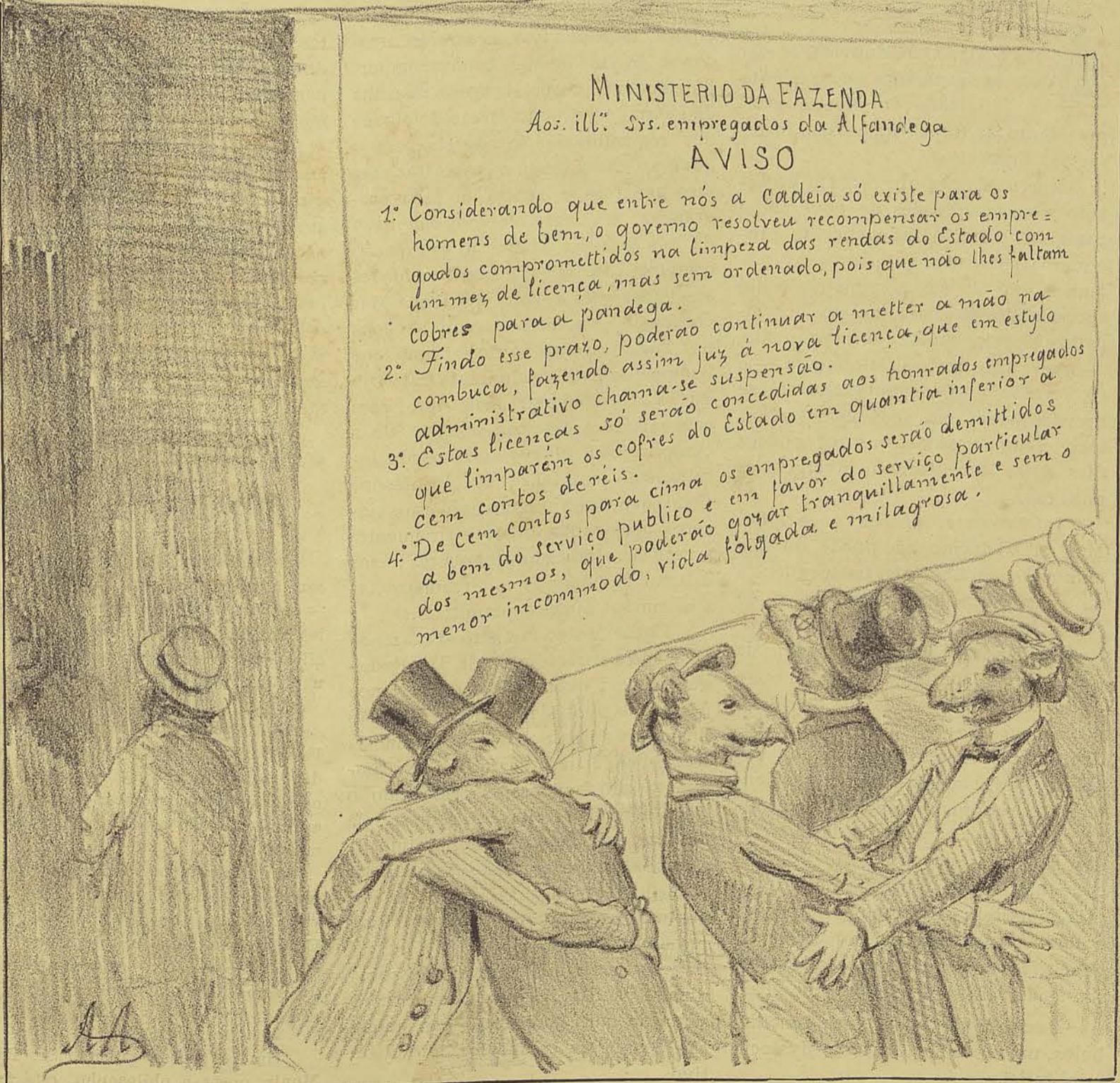
109 Rua do Ouridor

MINISTERIO DA FAZENDA

Aos. ill. Srs. empregados da Alfandega

AVISO

- 1º Considerando que entre nós a cadeia só existe para os homens de bem, o governo resolveu recompensar os empregados compromettidos na limpeza das rendas do Estado com um mez de licença, mas sem ordenado, pois que não lhes faltam cobres para a pandega.
- 2º Findo esse prazo, poderão continuar a metter a mão na combuca, fazendo assim juz á nova licença, que em estylo administrativo channa-se suspensão.
- 3º Estas licenças só serão concedidas aos honrados empregados que limparem os cofres do Estado em quantia inferior a cem contos de reis.
- 4º De cem contos para cima os empregados serão demittidos a bem do serviço publico e em favor do serviço particular dos mesmos, que poderão gozar tranquillamente e sem o menor incommodo, viola folgada e milagrosa.



Consta que o aviso acima vai ser collocado á entrada da Alfandega e' o que se deprehe de las noticias officiaes dadas por todos os jornaes sobre as fraudes da Alfandega. As ratazanas devem estar satisfeittissimas!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 28 DE NOVEMBRO DE 1896.

NUVENS

A SITUAÇÃO é de duvida, apesar de toda a esperança que o talento e a actividade do illustre vice-presidente da Republica possam inspirar aos Brasileiros.

Ninguém nega que o chefe do Estado possua qualidades de governo, e em geral a nação faz justiça ao programma patriotico que desde os primeiros dias de sua administração foi apresentado. Por isso mesmo a sympathia popular acolheu-o francamente, — iamos dizer enthusiasmicamente, — e tão forte foi essa corrente que até se transformaram em seus incensadores incondicionaes os mesmos que poucos dias antes accentuaram divergencias politicas.

Infelizmente, porém, o Sr. Dr. Manuel Victorino não pode ou não quiz agir com absoluta independencia no primeiro e mais significativo de seus actos: a substituição dos ministros demissionarios da fazenda, da industria e da marinha.

O que todos vimos foi mais uma vez a degeneração do systema presidencial, tão esquecido por amor das velhas praticas parlamentaristas. Conferencias sobre conferencias e consultas aos chefes das bancadas da Camara, aos membros do directorio de uma convenção que se chrisinou a si propria de partido para empolgar posições e illudir o paiz, barretadas a um apregoado *leader* que não commanda maiorias sinão para ser derrotado por ellas.

E ao cabo de todos esses conciliabulos, um verdadeiro caso de dystocia ministerial.

Que significam os novos secreta-

rios de Estado, como garantias de um renascimento administrativo?

O novo ministro da industria é sem duvida professor de grandissimo talento e um homem de brilhantes tradições scientificas; mas não traz para o governo sinão uma idéa: o arrendamento das estradas de ferro do Estado, a favor do qual deu ha bem pouco tempo um luminoso voto ao Senado. Terá pulso para realizar o seu programma?

O novo ministro da marinha, aliás profissional distincto e homem de trabalho, nunca exerceu função politica nem tomou parte na alta administração dos negocios publicos; circumscripto aos labores de sua especialidade technica, teve por isso mesmo de arredar-se da vida do mar, conhece imperfeitamente o pessoal da nossa marinha de guerra, e portanto carece de alguns dos requisitos indispensaveis para o governo. Assumindo a pasta, traz uma idéa generosa e sancta no seu programma: o congraçamento definitivo da sua gloriosa classe, a extirpação completa dos odios e das rivalidades suscitadas pela revolta de 1893. Mas conseguiu-o-ha, preso como se acha por laços estreitos ao florianismo que o amparou? Si o almirante Eliziario Barbosa, certamente mais apto para esta missão e desejoso tambem de a cumprir, não obteve o almejado intuito, será mais feliz o seu successor? Oxalá que o seja; nossos applausos sinceros acompanhal-o-hão eternamente, si realizar o indicado programma; mas é licito duvidar que as circumstancias e os amigos fataes o permittam.

Chegamos ao ministro da fazenda chamado á successão do Sr. Dr. Rodrigues Alves; quer isto dizer: chegamos á chave da abobada, porque a situação financeira do paiz é o grande mal da Republica, e nada de util se fará emquanto não houvermos remediado o descabro da receita e as demasias da despeza publica. O Sr. Bernardino de Campos, em que peze ás suas honradas tradições republicanas, representa por ventura no governo algum d'estes principios?

A verdade é o contrario d'isso; o illustre paulista si alguma cousa representa de mais accentuado é a quietação deante de escandalos administrativos.

A defraudação das rendas publicas

nas alfandegas é facto demonstrado e notorio; o ex-ministro da fazenda nada fez para punir os culpados, e o Sr. Bernardino de Campos, que é seu prolongamento genuino, nada ou pouquissimo fará provavelmente para corrigir o abuso. Não é que lhe faltem predicados individuaes para revoltar-se contra a rapina que devasta as nossas alfandegas; S. Ex. é de certo um homem honrado. Mas é que as prisões da politicagem funesta hão de manietal-o, e n'este sentido não ha esperança de reforma.

Ahi estão portanto os auxiliares que o famoso P. R. F. impoz ao Sr. vice-presidente da Republica, estatelado deante da carencia de bons orçamentos e da mais ou menos proxima volta do presidente ás suas funções governamentaes: dois espectros que forçosamente o amedrontam.

Por isso dissemos ao começar que a situação é de duvidas. Não temos o direito de condemnar um governo que ainda não traduziu suas idéas em actos; não temos o direito de desanimar totalmente do futuro. Os acontecimentos podem desmentir estes pavores. Mas o horizonte não está limpo de nuvens, e d'ellas a mais sombria é a desorientação do Congresso, que ainda não deu até hoje ao governo as leis annuas.

Saberá ao menos morrer quem viver não soube?

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* passa sem novidade em sua importante saúde — apenas um pouco magoada com aquelles ingratos assignantes (e muito são elles!) que até agora, quasi fim do anno, não quizeram *capturar-se* connosco...

* * *

Noticias recentes dadas pela Agencia Favas, affirmam que o general Weyler depois de não conseguir victoria contra os revolucionarios cubanos, voltou para a Havana e ahi espera pelos acontecimentos.

Interrogado por um *reporter* o illustre general declarou que fôra a Havana forçado *por uma necessidade*... E ao mesmo tempo o telegrapho annunciava que S. Ex. estava atacado de dysenteria — o que confirma aquella asserção.

* * *

Ha tres mezes e dias o Sr. Rozendo Muniz, poeta e philosopho, está fazendo a viagem d'esta capital a Lisboa, pela s

columnas do *Paiz*, e até agora ainda não chegou ao fim do seu destino.

Que diabo! Nem em 1500, e em navios de vela, era tão demorada a viagem... Quem sabe se o illustre poeta não está viajando pelo cabo submarino que serve á Agencia Favas?

* *

A idéa do Sr. Manuel Victorino de nomear para a pasta da viação um medico, e homœopata, tem sido geralmente louvada.

A todos os serviços publicos desconjunctados e enfermigos, o illustre discipulo de Hahnemann vai applicar as tinturas mãis, e tudo da 30.^a dynamisação, não esquecendo de applicar ás despezas, o mesmo systema de doses homœopathicas.

Dizia-se que a situação do Brazil era irremediavel: está provado que não — e que quando Deus quer, até agua fria é remedio!

* *

(O Sr. paginador faça separar o ultimo paragrapho acima, dos outros dous primeiros. Isto de agua fria nada tem de commum com a sciencia applicada á pasta da viação!)

* *

Segundo referem telegrammas de Londres, o general Blanco tem mandado executar todos os insurrectos que nas Philippinas lhe cahem nas mãos, sujeitando-os ás maiores atrocidades; mandando-os amarrar em grupos de cinco e atirando-os ao rio; fazendo-os morrer asphyxiados em quartinhos hermeticamente fechados, etc.

Que homemzinho bom perdeu a finada Legalidade, para acabar de salvar a Republica no Paraná e em Santa Catharina!

* *

No dia em que cahiu um raio no *Jornal do Brasil*, o agente Bastos, da Central, tinha dito pela manhã: «*Más raios te partam!*» E tres dias depois, o Sr. Frontín fazia cair sobre a cabeça d'elle Bastos, um raio ainda mais formidavel, em fórma de inquerito...

Não desejes o mal ao teu proximo— dizem as Escripturas.

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

A ACADEMIA

Sim! é preciso que tenhamos, (como a gloriosa França, coração da raça latina) a nossa Academia de Lettras, o nosso Instituto, o nosso pequeno mas fulgurantissimo fóco de Saber e Prudencia, de onde, desmanchado em rios ardentes, parta a Luz Civilisadora para todos os pontos do Brazil! E' preciso que o despeito, a inveja, a maldade de alguns desequilibrados se não metta a annullar os esfor-

ços do Sr. Lucio de Mendonça, do Sr. Medeiros de Albuquerque e do Sr. Valentim Magalhães, que com tanto talento e tão notavel sagacidade descobriram esse excellento meio de guindar o nivel intellectual do Brasil! Sim! já que não podemos levantar o cambio, levantemos o Espirito! Nem só de cambio favoravel carece a vida das nações.

Rebatamos, pois, de uma em uma, todas as accusações perfidas que se teem feito contra a nascedoura instituição.

—

Dizem que é ridiculo, em primeiro lugar, estar o Sr. Alberto Torres a fazer de Richelieu americano... Mas quem foi que disse que S. Ex. tem necessidade de ser Richelieu? Pois, para grupar em torno de seu nome, todas as admirações, precisa S. Ex. de deixar de ser o que é; doutor Alberto de Seixas Martins Torres, filho d'esse abençoado Rio de Janeiro, tão fecundo em cafés como em talentos? Se S. Ex. tivesse mais alguns annos de idade, e se, em vez de vestir a sua modesta sobrecasaca negra, apparecesse na Secretaria do largo do Rocio embrulhado n'uma ampla e purpurea tunica de cardeal, não sei que outra superioridade ainda teria sobre S. Ex. esse tão fallado Richelieu! A pouca idade de um homem não póde de modo nenhum prejudicar a sua missão civilisadora na terra. Christo, aos trinta annos, fundou uma religião, que, subdividida em tres religiões diversas, tem hoje quinhentos milhões de adeptos. Porque não pode S. Ex., que é um pouco mais velho que Christo, fundar um *clan* sagrado de quarenta sabios?

Dizem que é ridiculo, em segundo lugar, querer-se transplantar para o sólo democratissimo da America a arvore sumamente aristocratica da Academia Francaza. Outra ballela! A Academia Francaza não é aristocratica por si mesma: é aristocratica porque toda a França, apezar do seu affectado republicanismo, está mais livre do democratismo de que nós de bom senso! Quem diz que sejam eleitos membros do nosso Instituto o Sr. barão de Pedro Affonso, o Sr. Conde de Motta Maia, o Sr. marquez de Tamandaré, o Sr. visconde de Silva, o Sr. barão das Ceoulas, o Sr. commendador Málvino Reis, o Sr. barão de Paranapiacaba, e outros conspiciosos representantes da aristocracia brasileira?

Não, senhor! Queremos uma Academia democratica, de gente modesta e sobria, simples e despretenciosa, sem pergaminhos mas com saber, sem titulos mas com bom senso! Pois não temos ahi, como jornalista o nosso mestre Quintino Bocayuva, tão democrata, que, mesmo quando foi nomeado ministro, não deixou nunca o seu leque de papel e as suas palestras do café de Londres? Não temos, como dramaturgos, os Srs. Moreira Sampaio e Vicente Reis, que fixam no estylo de ouro das suas peças as locuções mais democraticas da nossa rua, como sejam o *Não venhas*, o *Eu sou de bronze*, o *Sai, sujo*? Não temos, como historiador, o Sr. Mello Moraes Filho, que em vez de fixar na Historia e na legenda Pedro o Grande e Catharina, Nero e Lycurgo, prefere estudar os typos mais democraticos da nossa *urbs*, como sejam o 29, o *Tangerina*, o *Maranhense*, o *cidadão Polycarpo*, o *Padre Kelé*? Não temos, como politicos, como poetas, como romancistas, como criticos, como economistas, como philosophos, tantos escriptores genuinamente filhos do povo, amando unicamente o povo, nos seus livros immortaes? Quem

diz, pois, que a Academia de Lettras terá a necessidade de ser um gallinheiro de viscondes, um pombal de commendadores, um curral de conselheiros?

Creio eu que o que mais arrepia esses desvairados inimigos da Academia é a ideia de que essa Associação seja uma cópia fiel da França,—um conclave de homens impertigados, envergando fardões bordados, reunidos com solemnidade, debaixo de uma cupola imponente... Mas, Santo Deus! a nossa Academia poderá reunir-se n'um theatro, n'uma rua, n'uma casinha da rua da Conceição, no Pavilhão do Largo de Lapa, na praça do Mercado! e os seus membros poderão comparecer ás sessões vestindo paletots de alpaca, ou mesmo em mangas de camisa, ou mesmo em ceroulas,—ou mesmo sem paletot, sem camisa, sem ceroulas, sem nada!

—

Uma ultima objecção habitual, constantemente empregada pelos detractores da formosa ideia do Sr. Alberto Torres. Dizem elles: «A Academia de Richelieu foi creada para crear o Diccionario da Lingua Francaza. E havendo já tantos e tão perfectos dictionarios da Lingua Portu-gueza, para que havemos nós de crear uma Academia Brazileira?»

Que futilidade!

E' verdade que já temos o Moraes, temos o Aulete, temos o Vieira, temos o Constancio... Mas, então, é preciso que uma Academia, fatalmente, só occupe o seu tempo em fazer dictionarios?

Demos de barato que assim seja, e vêde:

Já que é preciso fazer um Diccionario, porque não ha-de a Academia fazer o Diccionario Geographico do bacharel tenente-coronel Moreira Pinto?

Esse preclaro cidadão queixa-se continuamente de que não o deixam fazer o seu diccionario! Pois, não será uma obra meritoria fundar-se a Academia, nomear presidente d'ella o Sr. Moreira Pinto, e encarregar-o de fabricar esse Diccionario que ha-de ser o Espanto do Mundo e a Delicia dos Povos?

—

Que o Sr. Dr. Alberto Torres cesse os ouvidos ao clamor dos detractores da sua ideia! Isso, excellentissimo senhor, é despeito, é inveja, é miseria! Avante! Faça-se a Academia,—pois sobre a sua fachada a Posteridade agradecida escreverá estas palavras ternas, immortalisadoras do nome de V. Ex.:

«Quem isto fez foi Alberto de Seixas Martins Torres, bom filho, bom pai, bom fluminense, Protector das Lettras e Defensor Perpetuo das Artes. Honra ao merito!»

LÁLÁ.

Impressões de viagem

(Continuação)

No dia seguinte ás exequias, os meus collegas da imprensa fluminense tomaram o primeiro trem que ia a S. Paulo e eu deixei-me ficar em Campinas, onde tinha de cumprir uma promessa: almoçar em casa do amigo Genoud, nosso agente do *D. Quixote*.

Depois de entrar na sua importante loja e ter percorrido varios compartimentos e numerosos corredores, formados por pilhas de mercadorias e objectos de fantasia de toda especie, virando ora para a direita, ora para a es-

D. Q. - Aquillo são pandeiros?
 S. P. - Desconfio que são peneiras que elles andam a passar-lhes oho...
 D. Q. - E aquelles tres, lá do canto?
 S. P. - São as tres graças, em francez, trois grasses!

D. Quixote



Grande baile offerecido pelo P. R. F. a Dom Manuel Victor 1º - O bailado das serpentinas e dos pandeiros produziu o melhor effeito.

querda, sahi d'esse labyrintho commercial, receptaculo de innumerables e variados productos da industria europea e nacional e deparei com a mesa de jantar ou antes de almoço, pois que do dito é que se tratava.

Inutil dizer que honrei-o do melhor modo, não fazendo a menor cerimonia e regando-o com um excellente vinho branco da Saboia, que o Genoud teve a boa lembrança de importar para seu uso pessoal e de alguns amigos, como na presente occasião.

Depois de uma longa conversa em que veiu a pello tratar-se dos meus mais amáveis assignantes do Estado de S. Paulo, o amigo Genoud prometeu auxiliar-me na cobrança dos retardatarios no pagamento de suas assignaturas, e que não são poucos.

Como suas relações commerciaes estendem-se por muitas localidades d'esse Estado, aproveite a occasião para o seguinte e importante

AVISO

«A todos os distinctos cavalheiros que nos honraram com sua assignatura e que se acham em atraso desde janeiro ou julho do corrente anno, pedimos o obsequio de honrar-nos tambem com a importancia da mesma, que será recebida com especial agrado.

«O cumprimento d'este acto digno de todo louvor, pôde ser feito por meio de vales postaes ou em cartas registradas com o valor declarado no envelope, e dirigidas ao nosso escriptorio, rua do Ouvidor n. 109, ou ao nosso agente Genoud, em Campinas.

«Devendo regularisar a nossa tiragem sobre o numero de exemplares da edição de 1897, pede-se igualmente, aos que não quizerem continuar, a bondade de mandarem suspender a remessa de nossa folha antes do mez de janeiro.»

Meus leitores acharão talvez fóra de uso que n'um artigo intitulado *Impressões de Viagem* eu intercale o aviso acima, que parece nada ter com o assumpto. E' um engano. Nada ha como ser positivo e pratico, e eu lhes garanto que uma das melhores impressões que poderia sentir da minha viagem ao Estado de S. Paulo seria ver os paulistas abarrotarem o nosso cofre com a importancia de todas essas assignaturas em atraso.

E assim deve ser. Os habitantes do mais bello e rico estado do Brazil devem estar á altura do mesmo. Não podem portanto deixar de corresponder com todo o cavalheirismo á confiança que n'elles depositámos enviando-se-lhes o nosso jornal.

Depois de uma tirada d'estas não ha que duvidar e desde já o Sancho abre as portas da burra.

Dado este recado, que para nós é de maxima importancia, continúo a expor as minhas impressões.

Sahi de Campinas depois de ter ido despedir-me dos collegas do *Diario* e *Correio de Campinas*, que durante toda a nossa estada na terra de Carlos Gomes foram da maior gentileza para com todos os representantes da imprensa fluminense.

Poucas horas depois achei-me em S. Paulo

na estação da Luz, onde tomei um tilbury que levou-me sem o menor boléo nem abalo até o Grande Hotel.

— Quanto é?

— *O prezzo della tabella, ecellenza.*

Paguei o dito preço, juntei-lhe uma gorjeta e saltei do tilbury, ouvindo a voz do cocheiro que dizia repetidas vezes: *Mille grazie, mio buon signore.*

Ao subir as escadas do hotel não pude deixar de comparar a differença que ha entre esses cocheiros e os do Rio de Janeiro, e entre as ruas de S. Paulo e as d'esta Capital Federal e triangular do Sr. Werneck e do P. R. F.

Lá ao menos respeita-se a tabella e o regulamento policial sobre os carros de praça. Aqui no Rio não se respeita nem tabella nem regulamento, nem policia, nem o proprio passageiro. E, o que é horrivel; devido ao pessimo estado do nosso calçamento, trocamos innumerables cabeçadas com o cocheiro, que ainda por cima exige e com insolencia um preço fabuloso por essa capoeiragem medonha e involuntaria, que nos deixa o corpo contuso e as algibeiras esfoladas!

Mas a culpa não é d'elles. A mutua imbecilidade do publico e da policia é que é a principal causa d'esse abuso.

Como ia dizendo, cheguei ao Grande Hotel, que o Governo de S. Paulo tinha posto á disposição da comitiva fluminense, composta dos representantes da imprensa, e de diversos cavalheiros que já se achavam sentados á mesa e que me receberam debaixo de uns *Oh!* e *ahs!* expansivos, não só devidos a minha presença, como tambem — creio — á perspectiva de um bom jantar.

Sentei-me ao lado do Sr. Ponciano de... (não me lembro mais de que) que agregou-se aos representantes da imprensa fluminense, como redactor chefe do obituario do *Diario Official* e representante das classes laboriosas, operarias, artisticas, beneficentes, typographicas, etc. etc. etc.

Era geralmente na mesa que toda a comitiva se achava reunida no exercicio de uma das mais importantes funções da vida: almoçar e jantar. Ahi todos os queixos trabalhavam simultaneamente, com igual maestria em trituração as delicadas iguarias que nos eram servidas por *garçons*, que conhecem muito melhor o seu officio de que os que temos aqui no Rio. E não eram só os queixos que trabalhavam; as linguas dos illustres amphitriões, rubras e humedecidas por excellentes vinhos que escorregavam muito regularmente, desenvolviam bella e animada prosa.

O Dr. Pederneiras, presidente da commissão da imprensa e unanimamente votado orador official da mesma, em nada ficava atrás dos mais jovens na espirituosa palestra.

Notando eu a facilidade e o brillantismo com que o nosso veneravel orador respondia a todos os discursos e brindes em improvisos bem inspirados, o collega Oscar Guanabario procurou tirar-me d'essa illusão, pedindo ao Dr. Pederneiras o discurso n. 235, que elle julgava apropriado á resposta que tinha de dar a um brinde pessoal que lhe fizera um collega paulista sentado á nossa mesa. Vendo o nosso espanto, o Guanabario não hesitou

em declarar que o nosso illustre orador official trazia comsigo 350 discursos já engatilhados para toda e qualquer circumstancia!

Apezar d'essa indiscrição impropria de um bom collega, o Dr. Pederneiras não pestanejou mas tambem não lhe entregou o n. 235.

A' noite costumavamos ir ao theatro Polytheama, construido todo de madeira, mas bastante elegante e espaçoso.

A empreza da companhia Tomba, que ahi trabalhava n'essa occasião, tinha posto á nossa disposição varios camarotes. O mesmo fizera o Celestino no theatro S. José, onde a companhia Taveira representava com successo o *Hotel do Livre Cambio*.

A' sahida do espectaculo tratavamos de confortar os nossos estomagos com uma ligeira refeição accompanhada de varios *choppes*.

Os ares de S. Paulo abrem de tal modo o appetite e a cerveja é tão boa...

A' uma hora mais ou menos da madrugada, o grupo dos retardatarios, do qual eu sempre fazia parte, voltava para o hotel, subia as escadas e pé ante pé, sem o menor rumor, percorria os corredores até a porta dos quartos que nos eram destinados e... momentos depois todos dormiam o somno dos justos.

Se este somno denotava nos meus collegas uma consciencia tranquilla pelo cumprimento de seus deveres de reportagem telegraphica, nem por isso elle deixava de ser terrivelmente insupportavel para quem, como eu, não cahia logo de vez nos braços de Morpheo.

Uma symphonia das mais phantasticas, composta de sons os mais estrambolicos, em que o rabeção e a clarineta, o ophelide e a gaita tomavam parte das mais activas, assim como outros instrumentos, que deviam ser de sopro ou de vento, e cujos sons variados ora agudos, ora graves, é impossivel definir, formavam um concerto de tal modo desconcertado que me era impossivel pregar os olhos.

E' bom notar-se que no vasto quarto em que nos achavamos haviam seis camas e no contiguo, cuja porta ficava aberta, quatro ditas.

Eram portanto dez musicos ou antes nove; pois que estando eu infelizmente accordado, era o unico espectador ou ouvinte. Verdade é que de vez em quando parecia-me ouvir um ruido ou especie de resmungação no quarto ao lado e accompanhada de grandes suspiros.

— Isto ou é pulga ou mosquito, ou a tal symphonia que não deixa dormir esse collega nervoso e resmungante. Fiquei calado, pois desejando dormir não me convinha estabelecer conversa sobre tal assumpto.

Creio que afinal consegui o meu *desideratum*. De manhã quando abri os olhos, deparei logo com o collega Pederneiras todo de branco, preparando-se a enfiar a calça e o tal Ponciano, redactor-chefe do Obituario, todo de preto e já de chapéo na cabeça, prompto a sahir para ouvir missa.

Soube mais tarde, e por elle mesmo, que todas as manhãs elle tinha essa mania.

Que grande patusco! Não creio que fosse por devoção mas sim pelo receio da volta ao Rio de Janeiro, que devia ser na Estrada de Ferro Central!

Pouco a pouco todos os collegas accordaram. Uns ainda conservavam-se deitados ou sentados na cama, outros procuravam roupa nas malas ou lavavam o rosto e tudo, isto debaixo de uma palestra animada sobre os telegrammas enviados ás redacções dos jornaes da Capital, ou sobre as nossas impressões dos diversos passeios ou visitas feitas aos bellos estabelecimentos e palacios que tanto embellezam S. Paulo.

Tudo isto lembrava-me com saudade a minha mocidade. Julgava-me no dormitorio de um collegio; e a illusão ainda se tornava mais perfeita, olhando para o Pederneiras que figurava-me ser o bedel.

Estava pois mergulhado n'essas saudosas recordações, quando de repente appareceu, vindo do quarto ao lado, o Oscar Guanabario em trages menores.

— Senhores, disse o representante artistico d'O Paiz: Eu sou victima do mais terrivel dos attentados! Um concerto diabolico e horrivelmente desafinado—o que não perdão—veio esta noite perturbar-me o somno e ferir atrozmente meus ouvidos!

O Teixeira da *Cidade do Rio* roncava feito clarineta e em som de si-bemol. O Machado, rabeção do *Liberdade*, resonava em sol-maior, o que prejudicava o si, que não podia ser natural nem bemol ao mesmo tempo. O Beaurepaire do *Jornal do Brasil*, com som de flautim, soltava o lá menor. O João Chaves da *Gazeta de Noticias*...

—Perdão; este não está conosco e só pôde roncar duettos. Em todo caso dissemos ao Oscar: isto só pôde interessar o Luiz de Castro e elle não está aqui para responder technicamente.

O que se pôde garantir é que houve desafinação. Nem podia ser de outro modo. Supponhamos que o representante do *Liberdade* sonhasse com a volta de D. João VI e o da *Cidade do Rio* com a resurreição de Tiradentes; pôdia lá haver harmonia? A desafinação impõe-se, isto é logico, observou o Bousquet, representante litterario d'O Paiz.

Ao terminar este trecho das minhas impressões, que concerne á imprensa fluminense, declaro com o maior prazer que, enquanto estivemos accordados, reinou sempre a maior cordialidade e harmonia entre todos, dando assim o mais bello exemplo de boa camaradagem.

(Continúa.)

A.

CHRONICA

Foram dois que resistiram
Foram dois, não sei porquê;
Mas creio que não sahiram
Contentes, pelo seu pé.
A pasta tem sempre encantos,
A Central tambem os tem;
Isto dizem sempre quantos
Apreciaram tal bem.
Bernardo adora o pennacho,
Jardim adora o bastão,
E vir de cima p'ra baixo
Da noite p'ra o dia, não!
Só a morte os tiraria,
Quem os podia obrigar?
—No entretanto chega um dia
Quem os manda passear.
Adeus pasta, adeus, Bernardo!
Adeus, marechal Jardim!
Contentai-vos com este bardo,
Tudo no mundo tem fim.

Não vale mais
Ser delegado,
Para apertado
Alguem se ver,
Soltando ais,
E ameaçado
De esfaqueado
N'uma hora ser.
Assim dizia
Inda assustado,
Inda assombrado,
Garanto eu,
No outro dia,
Dia damnado,
O meu amado
Bartholomeu.

Antes ser como o Vicente,
Que é delegado feliz
E' decidido, é valente.
Diz que faz, faz o que diz.

E cerca roletas,
E multa admirantes
Com fichas e dados
Trombones e o mais.
As coisas vão pretas.
Porém não te espantes,
Leitor, se acabados
Os casos fataes,
Do jogo os amantes
Acharem que tudo
Ficou como dantes.

F. MENDES.

THEATROS

Foi-se a companhia Sansone, levando o berrador Vilalta, um cavalheiro que suppõe ser tenor, o Sr. Archangeli um bom barytono de pernas elephantiacas, e a Sra. Bassidas caretas e esgares.

Ao que parece, a *troupe* lyrica não levou grandes saudades do nosso publico, que evidentemente deu-lhe as costas e abandonou o Apollo, desde que percebeu que aquillo, mesmo por preços baratos, era caro.

Nem lhe valeram as successivas *homenagens* a Carlos Gomes, nem os elogios incondicionaes da imprensa — *Jornal do Brasil* á frente: a companhia teve de emigrar para S. Paulo, onde Deus a conserve por muitos e bons annos.

Nos outros theatros continuam em scena as mesmas peças, excepção feita do Recreio, onde a companhia Tomba exhibiu a *D. Juanita*, cujo desempenho foi *si bien qui mal*, e do Variedades, que annunciou para hontem a estréa da Sra. Helena Cavallier, que ha 8 annos estava retirada do theatro, e com o drama *Estatua de Carne*, que ha pelo menos 28 annos fez as delicias das nossas plateias.

Não são pois, a estreante e a peça, novidades verdadeiras, novinhas do trinque...

A divina Pepa e o popularissimo Brandão cançaram de *bilontrar*, e volveram definitivamente ao *Rio Nu*, que é o tiraduidas da empresa Silva Pinto e o seu salvaterio para os momentos difficeis.

No Sant'Anna, o *Amapá* continúa a dar boas casas.

Annuncia-se para breve a *Cigarra e a Formiga*, para o inicio dos trabalhos da nova companhia de que fazem parte a Lopicollo, a Ismenia Matteos, o Peixoto, o Mattos e mais alguns artistas de merito, e que constituirão com aquelles um bom elenco, capaz de proporcionar nos noites agradaveis — isso se os inevitaveis *cançans* de bastidores não entornarem o caldo em breve tempo.

Tambem prepara-se para a chegada do ministro portuguez, Sr. Antonio Ennes, a representação de duas das suas peças que mais agradaram no Rio de Janeiro: os *Engeitados* e os *Lazaristas*, esta de bem

pouco deliciosas recordações para o Sr. barão de Paranaquenãoacaba, outr'ora João Censura.

Estão tratando de montar essas peças, e levarem-n'as á scena com todo o escrupulo e cuidado, o intelligente actor Maia e o proveccto ensaiador Furtado Coelho. Quer isso dizer que teremos obra fina no desempenho, e que o Sr. Ennes não se desgostará de ver como tratam os seus trabalhos os artistas cá d'estes Brasis.

TONY.

RABISCOS

Cahi um raio sobre o edificio do *Jornal do Brasil*, e horas depois cahi o Marechal Jardim da administração da Estrada Funeraria Caveiral do Brasil.

Quer isto dizer que, se perdemos a nossa leitura quotidiana e profundamente amena do *Será Verdade?* ganhámos alguma cousa no negocio e na troca, por isso que ficamos ao mesmo tempo livres do marechal—e d'aquella cacetissima pergunta.

Com a sahida do marechal que tanto se distinguio pelo grande numero de desastres com que nos felicitou durante tempo, abriu-se a porta da administração a um moço instruido, energico e operoso, dotado de uma organização ferrea, como a estrada que vai dirigir, e de um temperamento de antes quebrar que torcer... e no que não já se pôde comparar com nenhum dos materiaes da mesma via, pois o Sr. Frontin o que não encontrar alli quebrado—torcido ha de achar por força.

Agora já se pôde, entretanto, tomar um bilhete de passagem para a Barra do Pirahy sem ser preciso ir previamente ao vigario da freguezia receber a extrama-uneção e ao tabellião da nossa sympathia pedir que nos confeccione o testamento.

Renasce a confiança no espirito publico. O serviço parece ter melhorado por si mesmo, e os primeiros actos do Dr. Frontin revelam o seu desejo de attender ao interesse e á commodidade dos passageiros, cousa essa que não estava definitivamente nos intuitos da passada administração. Antes pelo contrario...

E entretanto o Sr. Frontin não é official de cousa nenhuma,—nem marechal como o Sr. Jardim, nem coronel como o Sr. Vespasiano, nem tenente-coronel como o Sr. Aguiar!

Tomo a liberdade de lembrar ao governo do Sr. general Glycerio, que ordene ao Sr. Manoel Victorino que faça o Sr. Frontin alferes pelo menos!

Pois será possivel que a nossa primeira ferrovia não tenha um militar á frente de sua direcção?! Palpita-me que isto não pôde ser.

E por fallar em *palpitar*, aqui estou lamentando o caso gravissimo da policia andar a varejar as casas de jogo, e a reprimir o vicio que avassalla a nossa população, não lhe permitindo um palpito, nem sequer no bicho.

Lamento-o, não por mim, mas pelos meus amigos delegados de circumscrições, — tenho a fortuna de contar alguns em taes circumscrições, —e os quaes hão sido alvo de uma lieção tremenda do delegado auxiliar, o qual lhes tem dado quinão de mestre.

O Sr. Neiva, delegado, tem feito o mais possivel e conseguiu por agora espantar os jogadores e impedir a jogatina...

E já que é questão de palpito, e de jogo, permitam que eu lhes proponha uma aposta, simples como um bom dia:

A apostar cem contra dez que o arreganho não passa de uma pilheria, e que dentro em pouco poderemos ir todos francamente aos clubs do Rocio e circumvisinhos e ahí perdermos em fichas o que ganhámos com o suor de nosso rosto, sem que a policia se intrometta em nossa vida...

Sim, meus caros senhores, as eleições batem á porta, o Triangulo move-se, trata-se de reeleger os actuaes intendentes e...

...E eu já aposto cem contra um em como a bem organizada comedia antes de trinta dias está fóra de scena e mais ninguem d'ella se recorda—nem o auctor, nem os comparsas, nem a plateia.

Se tudo isto é para inglez ver e para o Sr. Thomaz Delfino gozar! Se só ha um caso *sub sole novum*—e é que em tempos de eleições não ha nada como tudo mais são historias...!

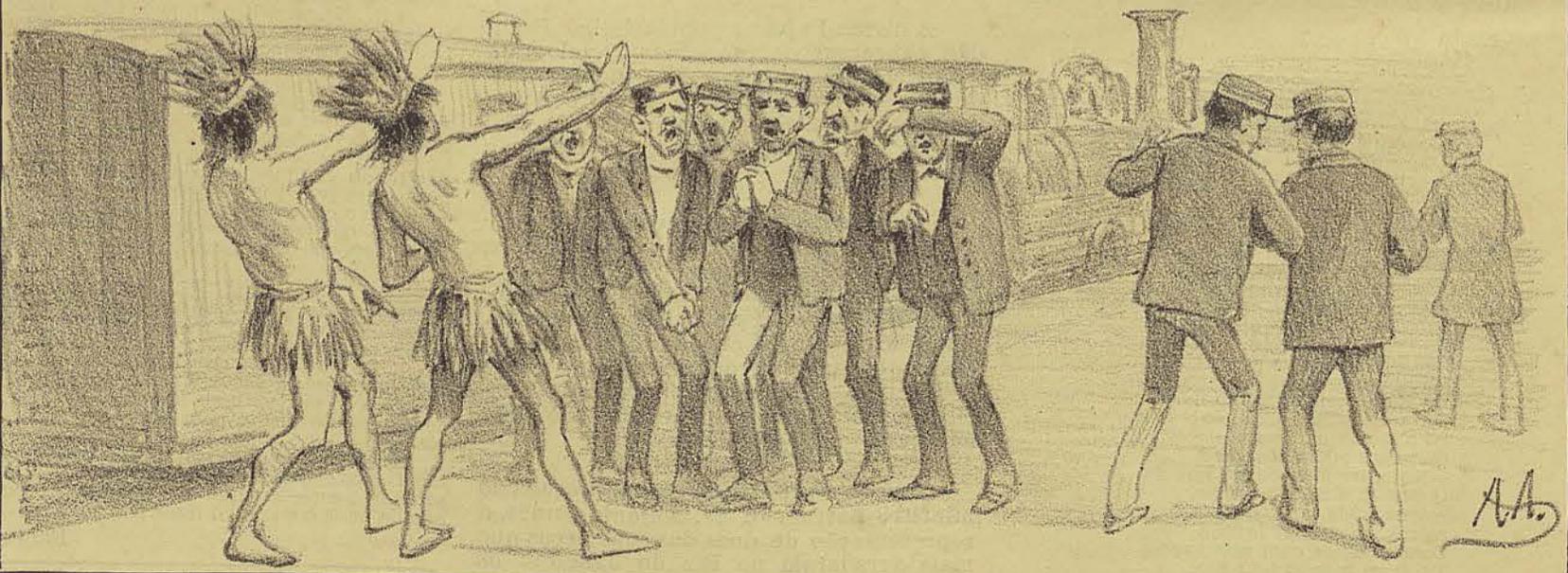
FELIX.



Mar.^l V. — Palavra que não entendo esta politica! Estava tão bem e forçaram-me a sair!
 Mar.^l J. — E eu então! Apesar de accostumado a contar com desgraças...
 Mar.^l V. — Afinal, que temos nós com a pedra do homem?! Isto foi um mau calculo!...
 Mar.^l J. — Para nós, sem duvida! E agora, para quem apellar!?



Não foi tão pequena a pedra pois que causou o naufragio do bote ministerial, não escapando um só dos antigos ministros!



— Não se assustem! Votaremos contra o arrendamento. O que queremos é o vosso bem-estar embora a Nação arrebente!!!

— Eu só quero vêr onde iremos parar se tudo arrebenta!?
 — Estamos em vespera de eleições e o que estes deputados querem é votos.
 — Ora, ora!...